**América Latina. Mulheres contra o machismo**

"Com o tempo, toda **abominação** e **infâmia** se tornam um clichê ou um lugar-comum literário, e a definição misógina dos sexos logo se tornou parte da cultura popular mexicana, dos corridos dos *mariachis* às convenções das novelas. Mas a diluição dessas atitudes em canções e séries de TV não influencia nem impede que sejam implementadas na vida cotidiana. As estatísticas são assustadoras: as autoridades falam que 3.800 [mulheres foram assassinadas no México](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591795-mexico-criancas-orfas-as-vitimas-invisiveis-do-feminicidio%22%20%5Ct%20%22_blank) em 2019. É urgente intervir", escreve **Alberto Manguel**, em artigo publicado por **La Repubblica**, 07-03-2020. A tradução é de **Luisa Rabolini**.

**Eis o artigo.**

No final do século XVII, trancada em um convento na **Cidade do México**, uma freira inspirada escreveu um poema em que acusava os homens de provocar as mulheres a cometer pecados pelos quais depois eles as culpavam.

*O cuál es más de culpar,*
*aunque cualquiera mal haga, perguntada com sabedoria retórica, ¿la que peca por la paga*
*o el que paga por pecar?*

*(Ou quem é mais culpado*
*ainda que ambos tenhas errado:*
*quem peca por ser paga / ou quem paga para pecar?)*

A irmã [Juana Inés de la Cruz](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/42762-vida-de-irma-juana-ines-da-cruz-e-um-misterio-para-estudiosos) identificava com precisão a relação paradoxal dos homens com as mulheres como uma relação de poder. Sua poesia termina assim:

*Bien con muchas armas fundo*
*que lidia vuestra arrogancia,*
*pue en promesa e instancia*
*juntáis diablo, carne y mundo*

*(Eu muitos argumentos fundo*
*contra vossas arrogâncias:*
*já que unis, em promessas e instâncias*
*inferno, carne e mundo).*

Numa [sociedade patriarcal](http://www.ihu.unisinos.br/589258-quanto-mais-as-mulheres-avancarem-mais-reacao-havera-da-ordem-patriarcal-entrevista-com-almudena-hernando%22%20%5Ct%20%22_blank), qualquer um que não tenha pênis é considerada naturalmente inferior (essas são as raízes de uma sociedade à qual as mulheres latino-americanas agora reagem: do [México](http://www.ihu.unisinos.br/591278-no-mexico-se-matam-11-mulheres-por-dia-afirma-o-padre-solalinde) à [Argentina](http://www.ihu.unisinos.br/561337-contra-o-feminicidio-argentinas-organizam-greve-geral-de-mulheres), uma onda de protestos e manifestações em defesa de seus direitos, ndr). **Octavio Paz**, em sua famosa dissecção da sociedade mexicana, **O labirinto da solidão**, defende que esse paradigma encontra confirmação no espanhol que se fala no México e que o verbo *chingar*, que significa quebrar, destruir, tem conotações sexuais, mas não é sinônimo de ato sexual. "Você pode *chingar* uma mulher sem realmente possuí-la", observa **Paz**. “E quando se refere ao ato sexual, o verbo tem um viés específico de [estupro](http://www.ihu.unisinos.br/590147-regiao-metropolitana-de-porto-alegre-dois-casos-de-estupro-sao-registrados-por-dia-em-2019), de engano. O homem que o comete nunca o faz com o consentimento da mulher que está sendo *chingada*. *Chingar*, portanto, é usar de violência contra o outro. É um verbo masculino, ativo, cruel: ofende, machuca, deixa marcas, desonra. E provoca uma satisfação amarga rancorosa”.

**Paz** usa essa conotação para denotar as primeiras tomadas de consciência da identidade mexicana. "A *chingada* é uma representação da **Mãe violada**", escreve ele, "e é lógico associá-la à **Conquista**, que por sua vez foi um estupro, não apenas no sentido histórico, mas também na própria carne das mulheres índias". Segundo **Paz**, o símbolo desse estupro é **Dona Malinche**, a amante de **Cortés**, que atuava como tradutora em seus encontros com os indígenas, exemplo máximo do tradutor traidor. Nossas sociedades parecem se conformar a uma série de preconceitos arraigados que tomaram forma nos séculos para proteger e favorecer as ambições de certos grupos de poder: o [racismo](http://www.ihu.unisinos.br/587614-o-encadeamento-do-racismo-estrutural) justificava a **escravidão**, a [misoginia](http://www.ihu.unisinos.br/583960-a-misoginia-esta-na-biblia-ou-nos-olhos-de-quem-a-le-a-resposta-de-vinte-teologas) justificava a **degradação das mulheres**. A misoginia em suas várias encarnações definia a relação dos conquistadores europeus com o território e seus habitantes.

Os séculos XVI e XVII consideravam que as **mulheres** eram um **bem móvel**, como os **escravos** e o **gado**. **Don Juan**, em sua primeira encarnação mexicana, na homônima comédia de **Tirso de Molina**, simplesmente quer conquistar toda o leque do status social feminino: sua lista inclui a aristocrática **Isabela**, a pescadora **Tisbeia**, a nobre **Dona Ana**, a camponesa **Aminta**. O catálogo recitado pelo servo do protagonista **Leporelo**, no **Don Juan** de **Mozart** e **Da Ponte**, é ainda mais longo.

As [mulheres](http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569341-a-violencia-de-genero-e-um-dos-fenomenos-mais-democraticos-que-existem%22%20%5Ct%20%22_blank) são coisas para colecionar, *chingar* e depois jogar fora. A história da [misoginia](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/555607-se-nao-eliminarmos-o-machismo-nao-iremos-eliminar-as-outras-discriminacoes) anda de mãos dadas com a história das caricaturas da misoginia, desde o **machão bigodudo e prepotente** até a prostituta de bom coração que ele ama e depois abandona. Com o tempo, toda **abominação** e **infâmia** se tornam um clichê ou um lugar-comum literário, e a definição misógina dos sexos logo se tornou parte da cultura popular mexicana, dos corridos dos *mariachis* às convenções das novelas. Mas a diluição dessas atitudes em canções e séries de TV não influencia nem impede que sejam implementadas na vida cotidiana. As estatísticas são assustadoras: as autoridades falam que 3.800 [mulheres foram assassinadas no México](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591795-mexico-criancas-orfas-as-vitimas-invisiveis-do-feminicidio%22%20%5Ct%20%22_blank) em 2019. É urgente intervir.

O **feminismo** reivindica seu papel desde que **Lisístrata** lançou o primeiro movimento de protesto feminino, mas desde então não houve grandes mudanças no equilíbrio de poder entre os dois sexos. O estupro de **Filomela** e **Lucrécia** entrou na consciência aculturada do **Ocidente**, mas apesar da consciência existente hoje, 80% das garotas e mulheres que tentam entrar nos **Estados Unidos** [são sistematicamente estupradas](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569019-america-central-mexico-eua-uma-mulher-migrante-em-cada-tres-e-estuprada%22%20%5Ct%20%22_blank), com a aquiescência do poder feminista norte-americano. A ajuda não virá do norte, onde as crianças são arrancadas dos braços dos pais que desafiam as proibições burocráticas para tentar salvá-las da violência social e são jogadas pelas autoridades estadunidenses em campos de concentração.

O **México** deve mudar perspectivas e vocabulário se quiser mudar o esquema mental da sociedade. Então, talvez, poderá esperar que crie raízes entre seus cidadãos algum tipo de **igualdade**, contra a **arrogância patriarcal** que denunciava a irmã **Juana**.

<http://www.ihu.unisinos.br/596903-america-latina-mulheres-contra-o-machismo>